

CONSIDERAÇÕES GERAES SOBRE A PHILOSOPHIA POSITIVA¹

A natureza da Philosophia Positiva não pôde ser apreciada senão depois do desenvolvimento de cada uma das suas partes. Antes, porém, de entrarmos na exposição d'esta doutrina devemos considerar a sua oportunidade, começando por examinar a marcha progressiva do espirito humano.

Estudando o desenvolvimento da intelligencia desde as suas primeiras manifestações até nossos dias, Augusto Comte descobriu uma grande lei, tirada do conhecimento da nossa organização e do exame do passado historico da humanidade. «Esta lei, diz elle, consiste em que cada uma das nossas concepções principaes, cada ramo dos nossos conhecimentos, passa successivamente por tres estados theoricos differentes: o estado theologico, ou ficticio; o estado metaphysico, ou abstracto; e o estado scientifico, ou positivo. N'outros termos, o espirito humano, por sua natureza emprega successivamente em cada uma das suas investigações tres methodos de philosophar, cujo character é essencialmente differente e mesmo radicalmente opposto: primeiro o methodo theologico, depois o methodo metaphysico, e por fim o methodo positivo. D'ahi, tres especies de philosophias ou systemas geraes de concepções sobre a totalidade dos phenomenos, que se excluem mutuamente: a primeira é o ponto de partida necessario da in-

¹ Este artigo é o capítulo primeiro de uma condensação ou resumo do *Curso de Philosophia Positiva*, de Augusto Comte, que estamos preparando para entrar brevemente no prelo sob o titulo de *Principios de Philosophia Positiva*.

telligencia humana; a terceira, o seu estado fixo e definitivo; a segunda é destinada só a servir de transição.» (*Curso de Philo-
sophia positiva*, I, pag. 8 e 9.)

O espirito, no primeiro estado, procura a origem das cousas, a natureza intima dos seres, as causas primarias e finaes dos effeitos que mais directamente lhe chamam a attenção, e julga todos os phenomenos como actos de um maior ou menor numero de deuses ou agentes sobrenaturaes, cuja intervenção explica todos os casos apparentemente extraordinarios, todas as anomalias que se apresentam.

O estado metaphysico é a passagem do primeiro para o terceiro estado, caracterisada pela substituição dos deuses por entidades ou forças abstractas, com as quaes explicam toda a ordem de phenomenos observados. Emfim no estado positivo, reconhecendo o espirito a impossibilidade de obter noções absolutas, deixa de investigar as origens primarias e os destinos remotos do universo e a natureza intima dos phenomenos; e contenta-se com o estudo e descoberta das leis naturaes, isto é, das relações das cousas entre si; na reducção dos phenomenos particulares a alguns factos geraes, cujo numero diminue progressivamente, consiste a explicação de todos os factos.

Assim como o systema theologico attingiu a sua maxima perfeição quando a unidade divina substituiu os numerosos deuses das religiões da antiguidade; e o systema metaphysico tocou o seu maior auge quando reduziu todas as entidades a uma só sob o nome de *natureza*; do mesmo modo o systema positivo só poderia chegar á perfeição se os phenomenos particulares podessem ser considerados effeitos de um mesmo facto geral, como a gravitação.

É facil a comprovação d'esta lei. As sciencias antes de entrarem no estudo positivo estiveram dominadas por abstracções metaphysicas, e primitivamente por concepções theologicas. O desenvolvimento da intelligencia individual corrobora tambem esta lei; todo o individuo é *theologico* na infancia, *metaphysico* na mocidade e *physico* na virilidade.

De facto, só depois de uma longa e penosa evolução podia a humanidade comprehender que todos os conhecimentos vem da observação dos phenomenos naturaes.

A *Philosophia positiva* considera estes phenomenos sujeitos a leis invariaveis. Como em vão se procuram as causas primarias e finaes, limita-se a estudar as condições da producção dos phenomenos e a ligal-os entre si pelas relações de successão e de semelhança. Foi pouco a pouco e gradualmente que os conhecimentos humanos entraram na phase positiva, começando pelos mais ge-

raes e mais simples até chegar aos mais complexos e mais particulares. Assim esta evolução principiou pelos phenomenos astronomicos, seguindo-se os phenomenos physicos, chimicos e por fim os biologicos; é impossivel determinar a época em que teve origem; porém o seu desenvolvimento historico data dos trabalhos de Aristoteles, continúa com a introduccão das sciencias naturaes pelos Arabes na Europa, e accentúa-se definitivamente pela acção combinada de Bacon, Descartes e Galileu. Desde então tem augmentado rapidamente a decadencia do espirito theologico e metaphysico.

Quando Augusto Comte encetou a sua obra monumental os phenomenos sociaes ainda estavam de todo sob o dominio de methodos metaphysicos; para a constituição da Philosophia positiva faltava a subordinação d'esta ordem de factos ás theorias positivas; o grande philosopho ao mesmo tempo que fundou uma nova Philosophia, lançou as bases da sociologia, porque esta sciencia é um dos seus ramos essenciaes, como o complemento do systema de sciencias positivas. Esta doutrina assenta na universalidade de conhecimentos; a sciencia é só uma e geral, mas ao passo que ella se foi desenvolvendo, foram-se separando varios ramos do grande tronco e deu-se a divisão do trabalho intellectual; a Philosophia positiva vem ligar estes diversos ramos pelo estudo das generalidades scientificas, das suas relações, e do seu encadeamento natural. Aos philosophos modernos compete unificar os trabalhos dos especialistas, dos homens de sciencia, n'um systema geral de explicação do universo, o qual se irá completando e aperfeiçoando á proporção que os diversos ramos progredirem.

Sob o ponto de vista dos progressos intellectuaes as principaes propriedades da Philosophia positiva são as seguintes. Em primeiro lugar o estudo d'esta doutrina fornece-nos o unico meio racional que na verdade pôde pôr em evidencia as leis logicas do espirito humano. Segundo Blainville todo o ser activo deve ser considerado sob o ponto de vista statico e sob o ponto de vista dynamico; no primeiro caso o estudo consiste na determinação das condições do organismo; no segundo na maneira d'elle funcionar. Assim tambem o estudo das funcções intellectuaes sob o ponto de vista statico reduz-se á analyse do cerebro e sob o ponto de vista dynamico consiste na exposição da marcha do espirito humano pelo exame dos methodos empregados nas sciencias. Só por esta via se podem adquirir noções exactas sobre os phenomenos intellectuaes, sendo inteiramente impossivel chegar-se a qualquer resultado pratico pelo pretendido methodo dos psychologistas, pelo qual o individuo é ao mesmo tempo o observador e o objecto observado. Só pelo estudo das sciencias se pôde chegar ao conhe-

cimento dos processos logicos, porque estes não podem ser separados da investigação scientifica.

A segunda propriedade da Philosophia positiva é fornecer um plano para a reforma do systema de educação. É geralmente reconhecida a necessidade de substituir a educação theologica e litteraria por uma educação scientifica que se adapte completamente á civilização moderna; essa educação deve constar de um certo numero de noções geraes sobre os diversos ramos da sciencia e estender-se em maior ou menor escala a todas as classes sociaes afim de formar os fundamentos de todas as sociedades futuras.

Outra propriedade d'este systema philosophico consiste em promover o progresso de cada uma das sciencias em particular. Sendo na realidade artificial a divisão estabelecida entre as sciencias, e sendo um só o objecto das nossas investigações, succede muitas vezes que para a solução de questões importantes torna-se indispensavel o concurso de pontos de vista especiaes a differentes sciencias, o que é actualmente difficil por causa do predominio absoluto das especialisações. A Philosophia positiva ligando entre si os diversos ramos da sciencia augmentará de certo os progressos scientificos.

Emfim a quarta e ultima propriedade d'esta doutrina está em fornecer a unica base solida para a reorganisação da sociedade, fazendo-a sair da profunda e longa crise que se atravessa pela dissolução anarchica dos velhos systemas e ideias. Esta Philosophia, dando unidade de principios a todos os povos e classes sociaes, promoverá incontestavelmente o estabelecimento de instituições apropriadas ao estado intellectual e moral da civilização. A causa da desordem actual é o emprego simultaneo dos tres modos distinctos de philosophar — o theologico, o metaphysico e o positivo. Desde que este conquiste o predominio completo, realisar-se-ha uma ordem social correspondente e duradora.

A Philosophia positiva exercerá especialmente a sua influencia sob os quatro pontos de vista que acabamos de indicar.

Dissemos que o fim d'esta Philosophia é resumir n'um systema geral todos os conhecimentos adquiridos pelo espirito humano. Uma observação, porém, nos cumpre fazer. Augusto Comte crê impossivel a redução de todas as leis naturaes a uma lei unica, o que indicaria uma perfeição scientifica muito superior ás forças intellectuaes que hoje possui a humanidade. Nas circumstancias actuaes a Philosophia só póde aspirar á unificação do methodo, contentando-se com que a doutrina seja homogenea.

AS RAÇAS PREHISTÓRICAS DE PORTUGAL ¹

AS RAÇAS BRACHYCEPHALAS DE MUGEM

Além dos esqueletos de Mugem cujos caracteres principaes enumerámos, ha no museu geologico outros, provenientes da mesma localidade, e apresentando na sua morphologia particularidades diversas, porém igualmente notaveis, e mais que sufficientes para os extremarem dos que foram anteriormente descriptos.

São infelizmente pouco numerosos estes esqueletos e o seu estado de conservação deixa bastante a desejar. Em todos os outros podemos examinar simultaneamente os caracteres dos craneos e os dos ossos longos; porquanto cada um d'elles, embora incompleto, conservava sempre uma parte dos ossos da cabeça, sufficiente para se reconhecer o typo dolicocephalo descripto. Assim notámos que a dolicocephalia e as particularidades que mencionámos nos craneos coexistiam com outros caracteres que apontámos nos ossos longos.

São diversas as circumstancias que se dão a respeito dos exemplares a que agora nos referimos. Ha um pequeno numero de craneos *isolados*, inteiramente distinctos pelas suas fórmulas dos dolicocephalos mencionados, e uma porção menor ainda de esqueletos incompletos, *sem craneos*, apresentando igualmente caracteres que não permitem confundil-os com os outros que descrevemos.

¹ Veja-se o numero antecedente, pag. 503 e seg.

Não é rasoavel suppôr que estes craneos, de morphologia absolutamente diversa da dos dolicocephalos, pertencessem a individuos cujos ossos longos tivessem as proporções que reconhecemos serem constantes para esses individuos de craneo alongado. Tambem não é verosimil que os novos esqueletos, em que observámos particularidades que os distinguem dos antecedentemente estudados, tivessem alguma cousa de commum com os mesmos craneos dolicocephalos. Resta portanto, como unica solução satisfatoria, attribuir os novos esqueletos e os novos craneos a individuos de outra raça, distincta da que foi descripta.

Os craneos a que agora alludimos apresentam porém dois typos: a qual d'elles devem ser referidos os esqueletos em questão?

É uma pergunta a que só se poderá responder quando proseguir a exploração, actualmente interrompida, dos kjœkkenmoedings de Muges; — se houver todo o cuidado no acondicionamento dos restos humanos que d'elles venham a ser extrahidos.

Um dos caracteres que apresentam os craneos de que tratamos é o da brachycephalia. Os indices cephalicos de tres — unicos até hoje extrahidos dos depositos de Muges — são respectivamente: 86,90; 93,46 e 82,56. São dois brachycephalos puros e um sub-brachycephalo. Este ultimo, alem do maior comprimento relativo do diametro antero-posterior, apresenta, como mostraremos, outros caracteres que não permitem incluil-o com os outros dois na mesma raça.

Os brachycephalos são um de homem e outro de mulher. O primeiro, que se conserva actualmente no museu da Escola Polytechnica, foi descripto pelo sr. dr. Pereira da Costa na sua memoria intitlada «*Noticia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda*», que foi impressa em 1865. A elle se referem tambem os auctores dos *Crania Ethnica*, que tentam explicar as particularidades da sua morphologia, attribuindo-a á fusão ou antes juxtaposição dos caracteres de duas raças: a de Canstadt, revelada principalmente pela saliencia das bossas supra-ciliares, e a de Furfooz n.º 2, que no craneo de que tratamos teria imprimido, entre outros caracteres, o encurtamento das dimensões no sentido antero-posterior, e as depressões que se observam junto dos angulos externos do occipital. Cumpre consignar n'este logar que o typo d'esta ultima raça apparece puro em um craneo proveniente de um deposito de areias quaternarias do Valle do Arieiro, e isto de certo modo parece confirmar a opinião dos srs. de Quatrefages e Hamy. Mencionámos esta circumstancia em uma memoria nossa a que já nos referimos, accrescentando ser provavel, em vista d'isso, que o nosso solo tivesse

sido habitado na época quaternaria por homens da raça de Furfooz. O estudo subsequente convenceu-nos porém de que esta ultima parte da nossa asserção não tinha completa razão de ser ¹.

O craneo brachycephalo masculino de Mugem apresenta os seguintes caracteres descriptivos: desenvolvimento dos arcos supraciliaes, depressão no lugar da glabella, saliencia das bossas frontaes — principalmente da bossa frontal media, saliencia das bossas parietaes (abaixam o indice frontal a 65,07) que são ao mesmo tempo elevadas e desviadas para traz, incurvamento rapido dos parietaes no sentido antero-posterior, descendo estes ossos quasi verticalmente em toda a sua metade posterior, e sendo a mesma direcção seguida por parte da região cerebral do occipital.

Faltam a este craneo todos os ossos da face.

O brachycephalo feminino tem pouco mais ou menos os mesmos caracteres do masculino, á parte a exaggeração da brachycephalia e as differenças provenientes do sexo. É mais regularmente contornado do que este ultimo e não apresenta desenvolvimento supraciliar. As bossas parietaes são mais salientes (indice frontal = 64,86) e mais desviadas para cima e para traz.

Juntamente com o craneo propriamente dito conservam-se parte dos ossos da face, tão esmagados porém que difficilmente se póde reconhecer a sua fórma. Os unicos dos seus caracteres que claramente se observam são — a profunda excavação das fossas

¹ As raças prehistoricas de Furfooz, de Cró-Magnon e algumas outras, foram a principio suppostas quaternarias, por haverem sido encontrados os esqueletos onde os seus caracteres primeiro se revelaram, de envolta com ossos de animaes quaternarios e com instrumentos de pedra da industria paleolithica. Mas, nas mesmas cavernas onde taes objectos existiam, outros havia, evidentemente neolithicos, que não auctorisavam em absoluto essa qualificação. Provou-se mui recentemente que essas raças são da idade da pedra polida, e que se as cavernas onde os seus restos se acharam, continham ossos de animaes de especies extinctas e objectos archeologicos de outra idade mais remota, era isso devido a terem servido anteriormente de abrigo ás feras, e ainda ao homem, que então as utilisava, não como lugar de sepultura, mas como habitação.

Este facto vem até certo ponto invalidar a affirmação que fizemos, de que na época quaternaria o nosso solo havia sido habitado por homens da raça de Furfooz. O craneo que descrevemos com a designação de «craneo do Valle do Arieiro» foi effectivamente encontrado em um jazigo de areias quaternarias; mas talvez não se possa afirmar com toda a certeza que elle tivesse sido contemporaneo da formação do deposito que o encerrava. Inclinámo-nos a que fosse quaternario, em parte porque suppunhamos ser quaternaria a raça a que o referiamos.

Em todo o caso é certo que esse craneo, pelos caracteres que apresenta, deve ser referido ao typo sub-brachycephalo de Furfooz.

caninas, e a pequenez e pouco desenvolvimento dos ossos malares.

O craneo sub-brachycephalo é completamente distincto pela sua conformação dos dois brachycephalos de que acabamos de tratar. É o mais volumoso dos craneos extrahidos dos depositos de Mugem. Pertenceu a um individuo de dezoito a vinte e dois annos, do sexo masculino. As suas bossas supraciliares são fracamente pronunciadas, a glabella é um tanto deprimida, não apresenta a saliencia das bossas frontaes, sendo a testa inclinada para traz, tem os parietaes pouco desenvolvidos lateralmente, circumstancia que faz subir o indice frontal a 68,31. Conserva parte dos ossos da face; o cuidado com que estes ossos, todos mais ou menos fracturados, foram ajustados e collados nas suas respectivas posições, permite reconhecer n'elles alguns caracteres, — entre outros o grande desenvolvimento e a projecção lateral dos ossos malares, mui espessos e robustos, e contrastando com a delicadeza dos correspondentes ossos no craneo brachycephalo que conserva parte da face. Ao inverso tambem do que n'este se observa, a excavação da fossa canina é quasi nulla. Deve-se ainda mencionar o achatamento da face, e a sua largura, principalmente á altura dos ossos malares. Foram estas as particularidades que nos levaram a não incluir este craneo na mesma raça com os dois brachycephalos.

A conformação particular d'este craneo faz lembrar o typo chamado *mongolico*, ao qual por differentes auctores tem sido referidos alguns craneos achados em sepulturas ou cavernas neolithicas em differentes paizes da Europa. O aspecto boreal da fauna dos ultimos tempos quaternarios levou varios naturalistas a fazerem uma approximação dos caracteres physicos dos actuaes habitantes do alto norte com os dos homens da Europa central contemporaneos do rangifer e de outras especies appropriadas aos climas frios. Ora o typo lapão, como é sabido, approximas-se a muitos respeitoos do typo mongolico.

Diversos factos tendem a corroborar a opinião de que em épocas prehistoricas a Europa foi povoada por individuos de raça mongolica. Segundo o sr. Hamy, o typo dos craneos brachycephalos do Museum, provenientes das alluviões dos niveis medios de Grenelle, proximo de Paris, colloca-os precisamente entre as series dos craneos de duas tribus de Lapões¹.

Nilson provou que os individuos de cabeça globulosa que se encontram nas sepulturas neolithicas e nas turfeiras da Scania, teem uma grande affinidade com os Lapões.

¹ *Bull. de la Soc. d'Anthrop.*, an. de 1878.

Pruner-Bey mostrou a identidade dos caracteres osteológicos dos homens das edades prehistoricas e dos individuos pertencentes a um certo grupo, chamado por elle *mongol*, ao qual refere entre outros os *allophylos actuaes* ¹.

É possível pois que o craneo sub-brachycephalo de Muges tivesse pertencido a um individuo representante de antiga raça contemporanea do rangifer, que segundo alguns emigrou para o norte juntamente com esse ruminante, quando a temperatura se elevou na Europa central. Essa raça teria existido tambem no nosso solo, mas representada já por poucos individuos ao tempo da formação dos *kjœkkenmœddings*, como se depreheende do facto de haver sido encontrado apenas um craneo com os caracteres que acabamos de mencionar, entre muitos outros de typo differente.

Quanto aos dois esqueletos incompletos que dissemos apresentarem caracteres diversos dos que se observam nos outros descriptos, em seguida apresentamos as dimensões e as proporções dos seus ossos longos. Em um d'esses esqueletos apenas podêmos medir o membro superior ².

	Esqueletos	
	1.º	2.º
Humero.....	292 ^{mm}	313 ^{mm}
Radio.....	244 ^{mm}	265 ^{mm}
Femur.....		441 ^{mm}
Tibia.....		371 ^{mm}
Hum. + rad. : fem. + tib. = 100.....		71,18
Rad. : hum. = 100.....	83,56	84,92
Tib. : fem. = 100.....		84,12
Hum. : fem. + tib. = 100.....		38,54
Rad. : fem. + tib. = 100.....		32,63
Hum. : fem. = 100.....		70,97

As particularidades que mais se destacam nas proporções dos ossos longos são: a grandeza do membro superior relativamente ao inferior, a do radio com respeito ao humero e a da tibia para o femur. As duas primeiras relações constituem caracteres accentuadamente simianos, que raras vezes se encontram tão exagerados mesmo nas raças mais inferiores. Principalmente a do radio para o humero é tal que chega a exceder a media attribuida aos

¹ Sobre a existencia de uma antiga raça mongolica na Europa central, vid. *Crania Ethnica*, pag. 134 e seguintes.

² Comparem-se estas relações com as correspondentes para os dolicocephalos.

Tasmanianos (83,5), que são a raça actual em que a grandeza d'essa relação se mostra mais pronunciada ¹.

Para determinarmos approximadamente a estatura dos individuos a quem pertenciam esses ossos longos, empregaremos um artificio analogo ao que nos serviu para acharmos a mesma dimensão dos dolicocephalos.

Como porém no caso presente os humeros e os femures parecem ser demasiado curtos, devendo portanto a estatura vir reduzida se a quizermos determinar recorrendo unicamente aos comprimentos d'estes ossos, accrescentaremos aos mesmos os radios e as tibias, cujas dimensões mais consideraveis devem estabelecer uma compensação rasoavel.

As relações do membro superior e do inferior para a estatura supposta = 100, são respectivamente ² :

$$\begin{aligned} \text{Hum.} + \text{rad.} &= 33,69 \\ \text{Fem.} + \text{tib.} &= 49,66 \end{aligned}$$

Effectuando as necessarias operações obtem-se :

	Esqueletos	
	1.º	2.º
Estatura referida ao membro superior.....	1 ^m ,591	1 ^m ,746
» » inferior.....		1 ^m ,635

Revela-se portanto nos actuaes esqueletos uma raça que, além de se differenciar da dos dolicocephalos pelas proporções dos ossos longos, ainda se distingue d'ella por apresentar uma estatura consideravelmente mais elevada.

FRANCISCO DE PAULA E OLIVEIRA.

¹ Vid. Topinard, *L'anthropologie*, pag. 329.

² Op. cit. pag. 327.

CARMINA MAGICA

DO

POVO PORTUGUEZ

(Conclusão da pag. 528)

38.º Talhar a hydrópesia :

Tropesia talho,
Tropesia corto,
Pelo poder de Deus
E da Virge Maria
E da milagrosa senhora S. Luzia,
Senhor S. Cosme
E S. Samion
Seja o verdadeiro mestre
Curador e talhador
D'esta inchaçom.
Senhor ponha a sua santa virtude
Onde eu ponho a minha mom (mão).

(Depois de se dizer esta oração tres vezes, esfregam-se os dedos em uncto de porco sem sal e em mel, e esfrega-se na inchação em quanto se disser parte da oração acima. Esta oração recita-se nove vezes e no fim de cada tres vezes dá-se uma fricção).

(Sinfães.)

39.º Talhar as impigens :

Impige,
Rabige,
Sae-te d'aqui,
Assim como tu dizes
Que comi e bubi (bebi)
E fui a Roma
E stou aqui;
Assim como tu fallas verdade,
Assim tu medres aqui.

(Rese-se nove vezes. Quem as talha deve estar em jejum, como os padres para dizer missa. No fim de cada vez que se resa, chega-se saliva á impigem).

(Sinfães.)

II

ORAÇÕES

1.^a Padre-nosso pequenino :

Padre-nosso pequenino
 Sete anjinhos vão comigo,
 Sete livros a resar,
 Sete candeias a alumiar
 O Senhor é meu padrinho,
 A Senhora é minha madrinha,
 Que me fez a cruz na testa,
 Que m'o inimigo não empeça,
 Nem de noite nem de dia,
 Canta o gallo, sae a cruz,
 Ó meu menino Jesus!

(Vianna do Castello.)

2.^a Oração de Sant'Anna :

Senhora Sant'Anna
 Subiu ao monte :
 Aonde se assentou,
 Abriu uma fonte.
 Oh! que agua tão doce!
 Oh! que agua tão bella!
 Anjinhos do ceu,
 Vinde beber d'ella.

(Vianna do Castello.)

3.^a Oração da trovoadada :

S. Barbara bem dita
 Que no seu estaes escrita,
 Na pia da agua benta,
 Alliviaes esta tormenta
 Lá para a banda dos montes,
 Que não haja pão nem vinho,
 Nem flor de rosmaninho,
 Nem se ouça cantar os gallos
 Nem repenicar os sinos.

*

S. Pedro e S. Simão
 Tem as chaves do trovão
 Assim como os santos são santos,
 Assim os trovões sejam mansos.

(Vianna do Castello.)

4.^a Oração de Santa Barbara :

S. Barborinha se vestiu e se calçou,
 Ao caminho se botou,
 O Senhor lhe perguntou :
 — Santa Barborinha, aonde vaes?
 — Eu, Senhor, vou comsigo.
 — Tu comigo não irás,
 Tu na terra ficarás.
 Todos os trovões que vier
 Todos tu abrandarás.
 Tu os levarás
 Para onde não ha gallo nem gallinha,
 Nem toque sino nem campainha.

(Melres no c. de Gondomar.)

5.^a Oração de S. Barbara:

S. Barbora bem dita
 Se vestiu e se calçou
 Ao seu caminho se botou,
 A Jesus Christo encontrou,
 E Jesus lhe perguntou :
 — Tu, Barbora, aonde vás?
 — Vou espalhar as trovoadas
 Que no ceu andam armadas ;
 Deitá-las para a serra do Marão,
 Onde não haja palha, nem grão,
 Nem meninos a chorar,
 Nem gallos a cantar.

(Villa-Real.)

6.^a Oração da trovoada :

Santo Deus, Santo forte, Santos immortaes !
 Miserere nobis
 Chagas abertas,
 Chagas cerradas,
 Sangue derramado
 De N. S. J. Christo
 Se mettam entre nós e o perigo.

(Villa-Real.)

7.^a Oração:

Já lá vae o Sol a baixo,
 Atrás da Primavera
 Leva capinha amarella,
 Que lhe deu a Madanela.
 Madanela escreveu
 Uma carta a Jesus Christo ;
 O portador que a leva
 É o padre S. Francisco.
 S. Francisco vae descalço,
 Vestidinho de borel

Para areceber as chagas
 Ao divino Manuel.
 Manuel, vae-te curar
 Aos braços de Catharina.
 Catharina da minha vida,
 Cordas do meu coração.
 Vosso pae stava chorando
 Pelos copinhos da espada,
 Por lhe metter freirinha,
 Freirinha de Santa Clara.
 Santa Clara é preciosa,
 Botou os olhos ao chão.
 Ella é a mais linda rosa,
 Vae n'aquella procissão,
 Deitadinha no andor,
 Aqui vae Santa Clara
 Visitar Nosso Senhor.
 Eu lhe beijarei a cruz,
 Que minha alma tenha a luz,
 Eu lhe beijarei a pedra
 Que minha alma não espere.
 Esta estrellinha mais deanteira
 Com os anjos em carreira
 Encontrou o menino Jesus
 Com duas chaves na mão,
 Uma do ceu e outra do inferno,
 Tres á Sexta e quatro ao Sabbado,
 Se esta oração disser,
 Tira quatro almas de pena em peccado :
 A primeira seria sua,
 A segunda de seu pae,
 A terceira de sua mãe,
 A quarta de quem for mais obrigado.

(Rezende.)

8.^a Responso de Santa Helena :

(que se deve dizer á meia noite para saber o futuro)

Santa Helena,
 Rainha de Sena,
 Moira fostes,
 Christo vos tornastes,
 Co'a c'roa de Christo sonhastes,
 Ao caminho vos botastes,
 Co'as tres Marias vos encontrastes,
 Com ellas pão e peixes creastes,
 Tres cravos lhe tirastes,
 Um deitastes no mar p'ra ser sagrado,
 Outro com elle ficastes,
 Outro déstes a vosso irmão Constantino
 P'ra vencer a batalha da fé.
 Peço-vos, Santa Helena,
 Se for verdade isto que vos eu peço,
 (*diz-se aqui o que se quer*)

Se fôr verdade, sonhos me dareis,
 Agoas claras,
 Roupas lavadas,
 Campos verdes;
 Se fôr o contrario do que peço,
 Sonhos me dareis:
 Campos seccos,
 Roupas sujas,
 Agoas turvas.

(Cumieira no c. da Regua.)

9.^a Oração do Anjo-Custodio:

- Anjo-Custodio, queres ser santo?
- Sim, Senhor, quero.
- Dize-me o que é um.
- É a hora em que Deus nasceu p'ra sempre amen.
- Anjo-Custodio, queres ser santo?
- Sim, Senhor, quero.
- Dize-me as duas.
- São as duas taboinhas de Moysés.
 (e com as mesmas perguntas e respostas:)
- São as 3 pessoas da SS. Trindade.
- São os 4 Evangelistas.
- São as 5 chagas.
- São os 6 cirios santos.
- São os 7 sacramentos.
- São os 8 corpos santos.
- São os 9 córos de anjos.
- São os 10 mandamentos.
- São as 11 mil virgens.
- São os 12 Apostolos.
- São os 13 raios do Sol
 Que arrebetem o Diabo
 Do pequeno até ao maior.

(É melhor dizê-la *dobrada*, isto é: chega-se ao sete, por ex., e repete-se o que fica dito. Esta oração faz pôr nuas as feiticeiras enquanto se diz; se porém não é acabada, ellas vão a casa de quem a resa, pedindo-lhe de fóra da porta que a conclua para se poderem vestir. Paços de Ferreira.)

III

FORMULAS DIVERSAS

1.^a Para espalhar a chuva:

- a) Espalha, espalha,
 Co'um sacco de palha;
 Esteia, esteia,
 Co'um sacco de areia.

(Avintes.)

- b) Esteia, esteia
 Que te dou um sacco de arcia,
 Para os teus porquinhos
 Que estão na cadeia.

(Guimarães.)

2.^a Para quando chove :

Chove, chovisca,
 Agua mourisca,
 Filha do rei,
 Maria Francisca.

(Guimarães.)

3.^a Para espalhar o nevoeiro :

- a) Foge, foge, nevoeiro,
 Lá p'ra trás d'aquelle esteiro,
 Que lá vem o S. Romão
 Co'uma cacheira na mão.

.....

(Melres, no c. de Gondomar.)

- b) Vae-te, vae-te, nevoeiro, (ou navociro)
 Lá p'ra a serra do Pinheiro,
 Que lá stá teu companheiro
 C'uma burrinha queimada.
 — Quem lh'a queimou?
 — Foi a vélhinha.
 — Que é d'ella, da velhinha?
 — Strampalhou a pitinha.
 — Que é d'ella a pitinha?
 — Stá a carmeiar a lanzinha.

(Foscóia.)

4.^o Ao arco iris :

- a) Arco-da-Velha,
 Cordões de retroz,
 Meninas bonitas
 Não são para vós! ¹
- b) Arco-da-Velha,
 Vae-te deitar,
 Que ahi vem os ladrões
 Que te querem matar. ²

(Guimarães.)

¹ Diz-se geralmente que o arco-iris bebe nos rios. Em Vouzella diz-se que no sitio onde elle pousa está uma velha a coser, tendo um novello de linhas e umas tesouras.

² Cf. o nosso art. *Trad. da Atmosphaera* no n.º 5 da *Era Nova*.

5.^a **A' Lua Nova** : — Entre muitas escolhemos essa :

Deus te salve, Lua-Nova,
Que me livres de três males :
Primeiro, de dor de dentes,
Segundo, de fogos ardentes,
Terceiro, de linguas de má gente
E do inferno principalmente.

(Serra da Estrella.)

6.^a **Ao Sol** :

Em louvor do Sol nascente
Que nos não doa mão nem dente.

(Beira-Baixa.)

7.^a **Ao amassar e pão** :

a) S. Mamede
Te levede ;
S. Crescente
Te acrescente.

(Melres.)

b) S. Levede
Te levede ;
S. Vicente
Te acrescente ;
S. João
Te peça pão
N. Senhor te dê a virtude
E a nós a saúde.

(Depois de amassada a farinha, fazem-se-lhe tres cruces e diz-se aquella fórmula.)

(Ovar.)

8.^a **Ao tirar um dente, diz-se** :

a) Dente fóra,
Outro melhor na cova ;
Em louvor de S. João
Que dê outro melhor p'ra comer o pão.

(Vouzella.)

b) Em louvor de S. João
Toma lá o meu dente pôdre,
Dá-me cá um são.

9.^a **Ortiga** : — Quando alguém se ortiga, esfrega-se com mentrasto a parte ortigada e diz-se :

Ortiga me ortigou
Mentrasto me sarou.

(Villá-Marim.)

10.^a Quando se vê uma creança a primeira vez, diz-se :

Benza-te Deus.
Bons olhos te vejam
E os mãos quebrados sejam.

(Famalicão.)

11.^a A creança muda vae levada n'um folle pela madrinha a sete casas, dizendo-se :

Esmolinha á creança do folle
Que quer fallar e não póde.

A madrinha mastiga um bocadinho do que lhe dão e mette na bôca da creança.

(Maia.)

12.^a A madrinha ao trazer a creança do baptismo diz :

Levei-a amoirada,
Trago-a baptisada.

(Minho.)

13.^a Ao deitar os ovos ás gallinhas :

a) Em louvor de S. Salvador
Que nasçam tudo frangas,
E um gallador.

(Villa-Real.)

b) Em louvor de S. Romão
Que nasçam tudo pintas,
Só um cantão.

(Beira-Alta.)

14.^a Para enxotar os passaros :

Chô, passarada!
Foge do meu linho
Vae para a cevada.

(Villa-Marim.)

15.^a Dedos :

a) Dedo mendinho,
Este é o parceirinho,
Este é o mâór de todos,
Este é o fura-bôlos,
Este é o matruca piolhos.

(Cab. de Basto.)

b) Este diz que quer pão,
 Este diz que não ha,
 Este diz que Deus dará,
 Este que furtará,
 Este diz : — alto lá!

(lb.)

Como o espaço não nos permite alongar-nos muito, reservâ-
 mos para uma obra mais desenvolvida o resto dos ensalmos,
 orações e fórmulas varias que havemos recolhido.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

PEQUENAS CONTRIBUIÇÕES

PARA O ESTUDO

DA

ORIGEM DAS ESPECIES MALACOLOGICAS TERRESTRES DAS ILHAS DOS AÇORES

SOBRE ALGUNS EXEMPLARES DO «HELIX ASPERSA» MULL. RECOLHIDOS EM PARAGENS ELEVADAS
E AIÇAS DA ILHA DE S. MIGUEL

On this view of migration, with subsequent modification, we see why oceanic islands are inhabited by only few species, but of these, why many are peculiar or endemic forms.

DARWIN

(The origin of species.)

A par de esforçadas investigações sobre a organização intima das especies de molluscos terrestres julgadas particulares aos Açores, nós vamos interrogando com o mesmo cuidado as especies democraticas da nossa fauna; porque, a nosso ver, é exactamente as minimas variações, os mais insignificantes resultados biologicos das especies mais vulgares e que podem ser ainda perfeitamente identificadas com as europeas, o que convem primeiro que tudo ir registando conscienciosamente, segundo o ponto de vista debaixo do qual trabalhamos. Só assim, seguindo passo a passo a influencia dos diversos meios açorianos e pesando os seus effeitos constantes nas especies vulgares e europeas, se poderá comprehender e reduzir pelo pensamento a distancia que separa as nossas especies peculiares ou criticas das do continente ou

archipelagos proximos, e dar como produzidas as bases discutíveis da sua genealogia provavel, se admittimos que toda a variedade pôde ser uma especie em via de formação.

Tendo tomado sobre os nossos hombros debeis esta melindrosa tarefa, e desejando que as nossas observações se não distrahissem do que mais convem estudar para o nosso proposito, ousámos dirigir-nos ao illustre Carlos Darwin que, n'uma carta cheia d'aquella bondade que caracteriza o verdadeiro homem de sciencia, se dignou dar-nos as mais proveitosas instrucções para recolhermos os factos naturaes dos Açores, ponto do globo que o auctor da *Origin of species*, no seu valiosissimo conceito, qualifica de «*splendid field for observation.*» Mais adiante o illustre Darwin exprime-nos o valor (e portanto a difficuldade) do assumpto especial que escolhemos, nas seguintes palavras: «*The wide distribution of . . . landmollusca . . . is a most perplexing problem.*» Se até hoje o estudo detalhado da faunula malacologica terrestre dos Açores era o nosso empenho, orientando-o para as inducções unicamente racionais e scientificas da theoria darwinista, depois de termos tido a suprema felicidade de sentir tão de perto o interesse que o Mestre toma por essa faunula, a nossa attenção lança-se com novas luzes em busca do mais pequeno acontecimento. «*Il n'y a de petit dans la nature que les petits esprits,*» escreveu Raspail.

Uma das instrucções que o sabio Darwin se dignou dar-nos, é a seguinte: «*All the plants and animals from the highest mountain summits on all the islands ought to be collected.*» Estimulados n'esta parte, dirigimos logo que podemos uma pequena excursão de ensaio ao Pico da Cruz, montanha situada pouco mais ou menos a meio da parte mais estreita da ilha, entre Fajã de Cima e Pico da Pedra. A sua altura é apenas de 384 metros ac. n. do mar; as suas encostas são por vezes abruptas, semeadas de escoria e povoadas apenas de gramineas e queiró (*Calluna vulgaris*, Salisb.) como vegetação predominante. No cume, o vento sopra quasi sempre rijo, a aridez augmenta, o calor é muito apreciavel; n'algumas covas, a silva (*Rubus fruticosus*, Lin.) attinge alguns palmos de altura, o tamujo (*Myrsine retusa*, Ait.) apresenta uma folhagem vigorosa, o *Pteris aquilina*, Lin. quer invadir o terreno como nas terras mais baixas; ha trevos, robustos morangueiros (*Fragaria vesca*, Lin.) e a *Agrimonia Eupatoria*, Lin. ostenta as suas flores douradas no cimo d'um alto espigo. O hortelã pimenta (*Mentha sativa*, Lin.) o poejo (*Mentha Pulegium* Lin.), a herva-ferrea (*Pru-nella vulgaris*, Lin.) e o ouregão (*Origanum virens*, Lin.) vegetam admiravelmente n'estas paragens abrigadas do cimo da montanha, e é talvez para notar a abundancia e o vigor dos juncos em parte

tão exposta e aparentemente secca. A urze (*Erica*) pareceu-me estranha á florula do Pico da Cruz ¹.

N'estas condições de vida, os molluscos terrestres de concha externa que encontrámos, apresentáram-nos á primeira vista modificações muito sensíveis. As conchas do *Zonites cellarius*, Müll, que estavam sem animal, eram quasi opacas e tinham um brilho nacarado e uma coloração opalina perfeitamente distincta dos specimens encontrados em Ponta Delgada em condições semelhantes; o que não póde ser tomado apenas como resultante da acção physico-chimica dos agentes atmosfericos na concha morta, pois que coincide com uma coloração torrada e com uma certa opacidade geral já existentes nos poucos individuos que se abrigavam debaixo das pedras. Estas conchas não attingiam o desenvolvimento normal, ainda que pareciam perfeitamente adultas; mas o seu umbilico expunha o penultimo anfracto como no typo. O *Helix bulimoides*, Moq. Tandon ², era pelo contrario membranoso. O *H. rotundata*, Müll. e a *Glandina Azorica*, Albers, eram exactamente identicos aos individuos dos melhores sitios dos nossos jardins: o primeiro abundava, a *Glandina* era menos vulgar. — Mas o que é unicamente digno de registrar-se é a distribuição do *H. aspersa*, Müll. e as modificações que elle apresenta e que são evidentes resultados da acção do meio. Numerosas conchas sem animal (recolhi 225) estavam espalhadas na falda do Pico, e bom numero de individuos vivos (recolhi 430) repousavam sobre a rama da queiró e do tamujo, fazendo destacar pittorescamente do verde-negro dos arbustos a côr violêta vermiculada de branco das suas conchas, ás quaes o sol e o vento tinham roubado a epiderme n'aquellas estações sem asylo. Estas conchas eram grandes, espessas, globosas, perfeitas; o peristoma pouco espesso e branco; as vermiculações brancas do ultimo anfracto muito salientes. Encontrei nove casos de nanismo, e um de anomalia sub-scalar, o unico d'esta natureza que tenho encontrado em conchas açorianas. Todas estas conchas, á primeira vista, pareciam pesadas e ricas em elemento calcareo, como as que em Ponta Delgada se abrigam no pé dos muros caiados: por transparencia, ellas tinham uma côr vermelha, violacea e menos torrada pela ausencia da côr combinada da epiderme que faltava. Independentemente, porém, primeiro que tudo, da falta de calcareo no sitio, e do tratamento pelos acidos, a balança demonstra que a proporção do elemento

¹ Temos formado um pequeno hervario da florula que acabamos de esboçar, o qual buscaremos pôr em mãos competentes.

² *Bulimus ventrosus*, Fér.

calcareo é muitissimo menor, como era de esperar, do que nos individuos que d'elle dispõem abundante e directamente, e torna tambem evidente que as nossas conchas do Pico da Cruz, quanto tenham uma apparencia inteiramente differente das conchas brandas e transparentes dos individuos da mesma especie que habitam os vallados humidos e cheios de lycopodios e folhagens, não são mais ricas do que estas em quantidade de materia: oito exemplares pesaram 7 gr.; max. 4,6 gr., min. 0,5 gr.; numeros quasi eguaes aos que obtive em indagações¹ feitas em helices *aspersa* da Grimaneza, região baixa, de vallados e visinha do Pico da Cruz. Os specimens conchyliologicos que são objecto principal do presente trabalho, devem sem duvida a sua apparencia illusoria á qualidade do mucus que entra na sua formação como elemento principal. Com effeito os animaes que os habitavam, produziam, quando excitados, um mucus abundante, espesso e d'um amarello dourado muito vivo, producto evidente d'aquella alimentação exclusivamente sylvatica e pouco succulenta. Este liquido assim colorido e abundante foi a base d'aquellas conchas, ás quaes a falta d'um asylo sombrio, humido e amollecedor ajuntou uma grande solidez. Aqui não se constata o que é vulgar na Grimaneza: o allongamento da ultima volta de uma concha que, abrandecida pela humidade dos vallados e por uma alimentação mais aquosa, cede aos esforços anteriores do collar e do pescoço do mollusco. A estas considerações sobre a concha temos a juntar algumas sobre o animal. A sua pelle é rigissima, os tuberculos do pescoço e do pé são grandes, muito salientes e chagrinados, e coloridos grosseiramente de amarello ochre sombrio; o plano locomotor é d'uma côr uniforme muito escura (às vezes mais clara) tendo por base a côr de passa e de chocolate, e só por excepção se encontra a epiderme delicada e finamente colorida que fôrma a generalidade de todos os helices d'esta especie que tenho até aqui observado: mesmo nunca, nem por anomalia, encontrei essa côr escura tão distincta no plano locomotor do *aspersa* do Pico da Cruz; sendo a côr que me era familiar, um cinzento ardosia mais claro para a linha mediana, e que é a descripta pelos malacologistas do continente. N'um grande numero dos nossos helices, a porção espiral do manto era extremamente livida, côr que affectava tambem o figado que, nos individuos das outras regiões da ilha, vemos apresentar-se colorido de sepia, bistre ou vermelho-tijolo, mais ou menos torrados. Esta côr livida será talvez produ-

¹ Arruda Furtado — *Indagações sobre a complicação da maxilla de alguns helices*, etc. — Lisboa, 1880 — *Éra Nova*, 1.º vol.

zida principalmente pela influencia dos raios solares actuando através de uma concha dêsprotegida de epiderme, pois parece-nos notavel que o plano locomotor escureça e o resto do systema cutaneo embranqueça. As maxillas não nos offereceram nada de notavel; mas não desmentiram em nada as considerações que expuzemos nas nossas «*Indagações*» cit.: havia frequentemente exemplares de 8, 10 e 13 caneluras.

É evidente, pelo numero de individuos que observámos, que se não trata aqui de uma simples variedade individual, mas de uma pequena *variedade local*, que, se pouco ou nada por enquanto nos diz, pois que o seu valor *não é de nenhum modo morphologico*, pôde comtudo, como aqui fica registrada, vir a ser uma base de interpretação sobre possiveis e mais profundas modificações que de futuro possa constatar-se.

Ponta Delgada (Açores), 3 de agosto de 1881.

ARRUDA FURTADO.

O CRIME E A RESPONSABILIDADE

(Conclusão)¹

V

MEIOS PREVENTIVOS CONTRA A CRIMINALIDADE

Ácerca d'este importante e vasto assumpto tem os mais distinctos moralistas escripto grossos volumes, em que se discutem as divergencias, opinião sobre a criminalidade e sobre os meios praticos que a sociedade tem a empregar não só para punir o crime, mas tambem para o evitar, materia a que ligeiramente nos referiremos n'este limitadissimo esboço. Um dos mais distinctos alienistas, Maudsley, estabelece com quasi todos os physiologistas modernos, que assim como para haver uma regularidade nas funcções dos differentes órgãos, sob o ponto de vista da organização phisica, é necessario e indispensavel o exercicio d'esses mesmos órgãos, principio formulado por Lamarck, assim tambem para se desenvolver a potencia psychica da coordenação mental, é necessario o mesmo exercicio funcional do cerebro, o que mesmo se póde chamar *um exercicio gymnastico* pela sua analogia evidente com a gymnastica cujo fim salutar consiste em operar o desenvolvimento organico do individuo.

Em qualquer dos casos se trata de aperfeçoar órgãos que na inactividade, como já vimos, se esterilisam, chegando mesmo a deformar-se, o que, tanto sob este ponto de vista mental, como

¹ Vidè os n.ºs 7 e 9.

propriamente chamado organico, tem consequencias gravissimas para a constituição social, por isso que este atrophamento é a origem da loucura e do crime, e da degenerescencia phisica a que tambem corresponde a decadencia mental.

A falta de exercicio muscular produz n'uma serie de gerações, mais ou menos longa, segundo as circumstancias mesologicas, uma raça esteril d'elementos anemicos, cheios de vicios e defeitos e por isso incapazes para a vida, condemnados a occuparem o ultimo logar na concorrência vital pela sua inferioridade attestada não só pela impossibilidade d'entrarem na vida pratica pela deficiencia de construcção, como tambem nas luctas do pensamento pela deficiencia mental.

Por outro lado a hygiene phisica sem a gymnastica mental, com quanto produza uma raça forte, está longe de produzir uma raça perfeita, muito longe mesmo de produzir uma raça medianamente aproveitavel e util no estado actual da sociedade; traz consigo a inaptidão para que o individuo aprécie em toda a sua complexidade e com a clareza necessaria, as circumstancias que sobre si proprio actuam por isso que lhe não é possivel subordinar os seus actos ao imperio de uma vontade indisciplinada, pela falta d'ideias fixas sobre as necessidades individuaes e collectivas. N'este caso a desordem funcional é a causa, a origem immediata da loucura ou do crime, cujos prodromos a maior parte das vezes começam a manifestarem-se no desregramento que arrasta os futuros criminosos aos focos infectantes e immundos. Ahi pelo contacto com individuos semelhantes e com certas affinidades justificadas pela sua organisação a que não podem ser superiores, acabam de se cretenisar tanto pelo abuso do alcool, como pelos prazeres vulgares, em que muitas vezes chegam tambem a inutilisar-se outros bem conformados, ou pelo menos com predisposições organicas para obter um logar na concorrência da vida, e isto em consequencia de um vicio de educação, apesar de comprehendem, ou terem pelo estudo adquirido as noções coordenativas da actividade social de cada individuo.

Estes casos são todavia pouco vulgares, por isso que, existindo uma profunda convicção scientifica tirada do estudo methodico dos factores sociaes e da analyse dos factos succedidos, essa convicção arrasta o individuo para o campo das investigações philosophicas onde sobretudo se adquire uma disciplina superior, que constitue um preservativo contra todos esses vicios sociaes. Ha contudo casos que não vem a proposito citar e por isso abrimos esta excepção.

Como já vimos o crime e a loucura são por assim dizer *duas doencas* analogas tanto no caso da sua origem ser meramente

accidental, como n'aquelle em que a incapacidade e o desregramento se manifesta em consequencia de um vicio organico, a maior parte das vezes hereditariamente transmittido, como o attestam innumerados casos observados nos hospitaes de alienados, onde tantas vezes vão parar muitos membros d'uma mesma geração, ou ainda nas prisões pela repetição do mesmo phenomeno, para que é necessario se dirijam as attensões dos legisladores a fim de estatuirem leis concernentes ao humanitario fim de evitar tanto quanto possivel as causas da degenerescencia physica e mental.

Ha pois dois casos distinctos que devemos considerar em separado apesar da intima correlação que entre elles existe, e são o da perturbação e deficiencia funcional que é susceptivel de modificar-se com um regimen hygienico, e o da constituição propria do cerebro.

Em qualquer d'elles os meios a empregar são approximadamente os mesmos e consistem em procurar n'uma educação scientificamente dirigida, o modo de lhes desenvolver a potencia determinativa. Ha porém uma differença entre estes casos que consiste em que sendo muitas mais vezes impossivel obter d'um individuo defeituoso uma certa tendencia para ser util, cumpre á sociedade empregar medidas radicaes sobre o destino d'estes que as conveniencias geraes da maioria obrigam a sacrificar condemnando-os ao hospital no caso d'idiotice, loucura ou monomania, caracterizadas por um forte desarranjo das faculdades intellectuaes, ou com o desterro quando esse mesmo desarranjo se manifesta pela perversidade de sentimentos, isto é, por uma tendencia irresistivel para ser prejudicial á collectividade ainda que o criminoso esteja certo das consequencias dos actos que pratica, como muitas vezes succede.

Estabelecidas estas differenças vejamos em resumo os meios que a sciencia aconselha como preventivos e que em um futuro não muito remoto, hão-de ter produzido resultados satisfatorios, se os poderes publicos dos estados mais civilizados se resolverem a attender a esta questão a que está affecto o bem-estar social, como necessariamente hão-de ser obrigados pelas exigencias progressivamente accentuadas pela corrente scientifica que actualmente se dirige em todos os sentidos. E isto apesar das graves difficuldades do problema para cuja solução, a par d'uma grande liberdade cujas garantias estão estabelecidas por esse mesmo desenvolvimento scientifico, é necessario mais estabelecerem-se certas e determinadas restricções tendentes a impedir a degenerescencia organica e mental pelos cruzamentos indevidos. Prende-se tambem com este problema a momentosa questão economica que exige ainda muito trabalho dos philosophos para que se cheguem a es-

tabelecer e a fazer comprehender no publico um certo numero de doutrinas já debatidas e aceites, contra que ainda se levantam graves attrictos apesar de se não poder conseguir por emquanto a sua resolução definitiva para o que o maior trabalho ainda está por fazer e nem mesmo se sabe quando se fará.

*

* * *

Donnez-nous l'éducation et nous changerons en moins
d'un siècle la face de l'Europe.

LEIBNITZ.

Na primeira linha dos meios preventivos a que nos temos referido depara-se logo com a *Educação*. É este o mais pratico, o mais efficaz e o primeiro a empregar, por isso mesmo que é principio assente de que só por meio d'uma instrucção publica ampla e obrigatoria, racional e methodica, junta a uma educação dirigida segundo as necessidades contemporaneas se pôde obter a revivescencia da actividade popular, isto é, a sua preparação para a vida social, livremente dos actuaes preconceitos e contingencias, que são como que uma negativa da civilisação.

Já Leibnitz dizia que quem reformasse a educação, reformaria tambem o genero humano, e o sabio Spencer no seu livro sobre este assumpto a que dedica o maximo interesse diz que o seu fim é preparar o individuo para a vida completa.

Em poucas palavras traçou este philosopho o fim da educação moral, intellectual e physica até hoje civada de preconceitos este-reis que lhe transtornam a acção, que chegam mesmo a esterilizar as intelligencias nascentes opprimidas pelo jugo terrivel de uma direcção anarchica. Não procura acompanhar o desenvolvimento das faculdades intellectuaes, partindo do mais concreto para o mais abstracto, seguindo o processo do desenvolvimento do espirito humano, de cuja marcha o desenvolvimento individual é como que. uma momentanea repetição das differentes phases que atravessou durante os longos periodos de vida.

É como diz tambem Espinos ¹, «mudando as idéas que se mudarão as instituições e os costumes, sendo portanto a educação o instrumento da reconstituição social».

¹ La philosophie experimental en Italie.

Mas para que este meio preventivo de todas as calamidades sociaes dê os resultados satisfatorios que os philosophos lhe attribuem é necessario mais que proclamar o ensino obrigatorio de que resulta simplesmente o ensino da leitura e da escripta. É necessario mais do que instituir escolas por toda a parte, regidas por professores pouco instruidos que não podem ultrapassar os limites de um ensino esterilizador. É sobretudo necessario reformar a pedagogia para que a escola tenha o fim que lhe attribuem Spencer, Buchner, etc., etc.

Actualmente poucos são ainda os paizes que comprehenderam esta verdade, e em quasi todos, ainda os mais adiantados como a Suissa e a França, presistem gravissimos preconceitos cuja influencia perniciosa se traduz mais tarde pela falta de homogeneidade social.

Devendo a educação ter um caracter scientifico, exclusivamente scientifico e obedecer nas suas regras a leis determinadas pelo estudo physiopsychologico do individuo, nós vemos que realmente a escola primaria, em que segundo Buchner reside o futuro das sociedades, não satisfaz ao fim a que é destinada. Limita-se exclusivamente a ensinar materialmente as creanças a ler e escrever, atrophando-lhes as faculdades intellectuaes pelo abuso da fixação absurda de certos conhecimentos superiores que desenvolvendo a memoria, condemnam o desenvolvimento do raciocinio. E ante este estado da instrucção publica, parece ser este o seu fim principal e não preparar cidadãos uteis e prestantes. Não tem o caracter scientifico e antes pelo contrario ainda se conservam os anachronismos thelogicos que a reacção do maior numero, e de quasi todos os estadistas tem conservado, a pretexto de disciplina moral, cujos effeitos são claramente prejudiciaes por isso que criam no espirito das creanças um vacuo e uma tendencia para a abstracção systematica que implica a perda do exercicio cerebral na coordenação das sensações e impressões externas, para se elevar ás regiões do transcendente, e que mais tarde as guiam ao fanatismo religioso ou ao septicismo ignorante.

Ainda as classes derigentes não chegaram a comprehender que a sciencia e a verdadeira interpretação do dever social, é a mais solida disciplina em que póde assentar a solidariedade collectiva, por isso que, como diz Espinos, a sciencia é o patrimonio commum da humanidade por toda a parte onde se encontram sufficientes luzes. Ella bastará á arte, porque a imaginação encontra mais abundantes recursos nas suas grandiosas concepções, que nas invenções mesquinhas da fabula. Bastará não menos á industria que em todos os tempos tem sido a sua obra, e mais, ella chegará a organizar os differentes elementos de producção pre-

venindo as soluções artificiaes e revolucionarias; chegará a estabelecer a harmonia entre o capital e o trabalho.

Desenvolver por todos os meios a educação imprimindo-lhe um caracter verdadeiramente concorde com as aspirações hodiernas dos grandes philosophos, que por meio da investigação e da experiencia téem descoberto as leis do desenvolvimento humano tanto sob o ponto de vista phylogenetico como anthropogenetico, eis a primeira necessidade de todos os organismos sociaes empenhados em estabelecer o bem-estar geral. É este um trabalho complexo, enormemente grandioso quando comparado sob todos os seus aspectos de prosperidade social, e que se prende não só com a escola mas tambem muito especialmente com a familia onde a creança recebe não só as predisposições organicas e as primeiras sensações, as primeiras idéas cujos vestigios quasi sempre se manifestam atravez de todos os periodos da nossa existencia.

Para terminarmos sobre este ponto essencialissimo de prevenção do crime e da loucura, citaremos a opinião de Maudsley que diz:

«Abstraindo ao dever positivo de todo o homem de adquirir a mais completa intelligencia, e estabelecer relações com o meio ambiente, a fim de d'elle tirar o melhor partido em proveito do seu desenvolvimento pessoal, o estudo e a pratica das sciencias naturaes, constitue a gymnastica a mais favoravel ás faculdades intellectuaes. Nenhum outro estudo pôde no mesmo grau ensinar a observar com exactidão e a raciocinar com criterio»¹.

A melhor garantia d'uma clara percepção, d'um sentimento justo, d'um entendimento vigoroso e d'uma vontade intelligente, em qualquer circumstancia da vida, é o habito contrahido nas circumstancias precedentes d'uma percepção sã, d'um sentimento justo, d'um entendimento vigoroso e d'uma vontade intelligente; por outros termos, é o desenvolvimento sincero e completo da natureza intellectual e moral.

Na maioria dos homens, diz ainda o sabio Maudsley, a formação do character qualquer que seja, é o resultado do acaso e nunca o effeito da premeditação; é o producto accidental da disciplina e da educação que o individuo recebe.

Este facto presencia-se a todos os momentos entre esses individuos que por circumstancias fortuitas são educados n'um meio corrupto, ou mesmo ainda entre aquelles que prematuramente são pela sociedade arremessados para essas escolas de desmora-

¹ *Le Crime et la Folie.*

lisação chamadas as prisões, onde muitas vezes se estiolam intelligencias aproveitaveis e espiritos susceptiveis de receberem uma orientação util se se não votasse o maior desprezo a esta serie de miserias sociaes que são uma affirmativa do estado dos rudimentos da nossa civilisação.

Quanto mais estudamos a criminalidade e vemos os meios preventivos, alguns de grande facilidade no seu emprego, tanto mais nos convencemos como Quetelet de que exactamente essa sociedade que tanto odio vota aos criminosos é a unica responsavel por esses actos detestaveis e ainda mais pela perda d'um grande numero dos individuos que os praticam.

Onde ella vê criminosos perigosissimos para quem o desterro se pôde applicar, teria cidadãos uteis se tivesse tratado de os formar.

Punir é uma coisa muito secundaria; e até uma idéa absurda que não pôde ser arvorada em principio d'ordem social. É apenas uma consequencia que apesar do seu rigorismo deshumano, é todavia legitimada pelas necessidades do maior numero e pela tranquillidade geral ameaçada por esses homens transformados em monstros.

Evitar o crime deve ser o *desideratum* de todos os povos cultos e infelizmente não é isto o que succede; vêem-se os legisladores altamente preocupados com medidas secundarias e ás vezes de interesse equivoco para a civilisação. De longe em longe corrigem-se alguns dos mais pronunciados defeitos da lei penal, amplifica-se uma instrucção official cheia dos vicios officiaes, e tudo permanece no mesmo estado.

A taberna e o lupanar continuam a ser a escola do povo e do operario; o alcoolismo predomina, a preversão dos costumes impera livremente e os legisladores em lugar de olharem para essas causas do crime augmentam o numero das prisões como se assim contribuissessem d'algun modo para a segurança e tranquillidade individual na sociedade.

A deducção necessaria d'estes factos é inevitavelmente, que salvo o caso de deficiencia organica do cerebro adquirida pela hereditariedade, ou por circumstancias accidentaes a que já nos referimos, todo o individuo é susceptivel de aperfeiçoamento. E como pelas estatisticas criminaes temos visto que a perpetração do crime é inversamente proporcional ao grau de illustração, conclue-se que a educação livre, scientifica e methodica é um dos meios mais salutaes de obviar ao crime; ao mesmo tempo que previne o desarranjo funcional do cerebro, actua no sentido de aperfeiçoar esse orgão gradualmente, e estabelece a corrente progressiva das sociedades sem conflictos e sem cataclysmos.

A educação, dissemos, é o grande meio preventivo contra a criminalidade, mas ainda não é tudo e ha mesmo outras medidas concernentes ao mesmo fim que é necessario empregarem-se.

De dia para dia a nossa raça enfraquece na sua organização em virtude da falta dos exercicios gymnasticos, e das muitas doenças predominantes legadas hereditariamente; a consanguineidade traz o rachitismo e a idiotia.

Os elementos inferiores reproduzem-se com uma facilidade espantosa sem que por algum meio os governos pensem em intervir n'este estado de coisas a pretexto de violação de direitos.

Infelizmente não podemos aqui dar o desenvolvimento que desejavamos a esta idéa de se pôrem obstaculos á reproducção d'esses elementos, contra que bem sabemos se levanta uma grande celeuma.

Diremos todavia que a sociedade tem restricta obrigação de melhorar successivamente as suas condições vitaes, e tem o direito de impedir a producção de individuos inferiores inaptos para a lucta pela existencia. É sobre este ponto que é urgentemente reclamada a intervenção dos legisladores e dos physiologistas para se alcançar o bem-estar social, bem como para a regularidade do trabalho, cuja falta é muito justificadamente a causa de muitos crimes.

Finalmente repetiremos que nas actuaes circumstancias das nossas sociedades, com a legislação criminal que ainda está por toda a parte em vigor, apesar de mil vezes provados os seus absurdos, e com o desprezo que os legisladores votam a estas importantes questões, a sociedade é a unica responsavel pela maioria dos crimes commettidos.

Como vêmos o criminoso é um simples instrumento que mais carece dos nossos cuidados que do nosso odio; é o que propriamente se chama um doente. Não tem responsabilidade moral; é a consequencia do estado da sociedade e a ella cumpre evitar estes casos ¹.

N. ALVES CORREIA.

¹ Devo notar que o trabalho que ahi fica é apenas um limitadissimo esboço colligido de ligeiras notas extrahidas d'alguns auctores, que reservo para desenvolver mais detidamente e com mais placidez.

AUGUSTO COMTE

(Conclusão da pag. 502)

Augusto Comte constituiu a Sociologia. Os que um dia tentaram contestar-lhe essa gloria imperecível, e Stuart Mill pertence ao numero, encontraram diante de si, erguendo-se a toda a altura de uma defeza brilhante, Littré e Wyruboff, os grandes discipulos e evangelisadores do Positivismo scientifico.

Se constituir uma sciencia é estabelecer os principios e os factos irreductiveis que a separam, como corpo de doutrina, de uma sciencia anterior, é indiscutível que Augusto Comte constituiu a Sociologia. O grande philosopho estabelecendo com inimitavel clareza a divisão da Physica social em *estatica* e *dynamica*, parecia responder antecipadamente aos criticos que um dia haviam de procurar discutir-lhe o titulo de creador da Sociologia, a ultima das seis sciencias abstractas objectivas da serie que instituiu; n'essa divisão tão simples como fecunda deixou o mestre todos os elementos precisos para a defeza do seu maior titulo de originalidade. Como Littré com grande profundeza o observou, é justamente porque existe uma *dynamica social* que a sciencia sociologica tem uma autonomia tão indiscutível como a da physica, como a da biologia, como a de qualquer outra sciencia. «O estado estatico, diz Littré, é propriamente e originariamente biologico; o estado dinamico não é nunca senão sociologico»¹. Com effeito,

¹ Vid. *Obr. cit.*, pag. 21.

a estatica social deriva de um instincto de agremiação tão essencialmente biologico que se realisa até nos animaes; a dynamica depende de um desenvolvimento historico, de uma passagem successiva por estados mentaes differentes, o que já se não realisa entre os brutos, mas é privativo do homem nas condições sociaes. O animal agremia-se em bandos, porque a isso o impelle uma tendencia cerebral, um instincto; mas as sociedades que elle fórma são improgressivas, offerecem-nos apenas um estado estatico. As sociedades humanas, formadas tambem por um instincto fundamentalmente analogo ao que produz as sociedades animaes, são todavia evolutivas, offerecem ao lado do elemento estatico da ordem o elemento dynamico do progresso. Por outras palavras: as sociedades animaes são hoje o que sempre foram, não se desenvolvem, não offerecem phases de evolução, não tem historia; as sociedades humanas caracterizam-se, ao contrario, pela existencia mesma de uma evolução, de uma historia. Mais ainda: a sociedade animal representa apenas uma somma de individuos, sem que para cada um dos agremiados ella implique a obtensão de alguma coisa de inteiramente novo que fóra d'ella não podesse conseguir; a sociedade humana, ao inverso, não é uma simples addição de individuos, não é uma pura agremiação, porque n'ella apparecem productos ahi exclusivamente formados, como a palavra, as artes, o direito, as litteraturas, as sciencias. É por isso precisamente que a Sociologia ou Physica social tem uma autonomia, é uma sciencia distincta; e é precisamente porque viu e provou tudo isto que Augusto Comte é o seu *creator*, é o philosopho que a instituiu.

O chefe do positivismo francez foi mais longe ainda. Não contente com ter encontrado os factos irreductiveis que dão á Sociologia o direito de independencia scientifica e a constituem, Comte estudou e poz em relevo uma das suas leis fundamentaes relativamente á dynamica: a *lei dos tres estados*. O conhecimento d'ella é necessario á comprehensão de uma das bases da sua classificação hyerarchica das sciencias, a que anteriormente nos referimos. «No estado theologico, diz Comte, o espirito dirigindo essencialmente as suas investigações para a natureza intima dos seres, as causas primarias e finaes de todos os effeitos que o impressionam, n'uma palavra, para os conhecimentos absolutos, representa-se os phenomenos como produzidos pela acção directa e continua de agentes sobrenaturaes mais ou menos numerosos, cuja intervenção arbitraria explica todas as anomalias apparentes do universo. No estado methaphysico, que no fundo não é mais que uma simples modificação geral do primeiro, os agentes sobrenaturaes são substituidos por forças abstractas, verdadeiras entidades (abstracções

personificadas) inherentes aos diversos seres do mundo e concebidas como capazes de produzirem por si mesmas todos os phenomenos observados, cuja explicação consiste desde esse momento em assignar para cada um a entidade correspondente. Emfim, no estado positivo, o espirito humano reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo e a conhecer as causas intimas dos phenomenos, para unicamente tentar descobrir pelo uso bem combinado do raciocinio e da observação as suas leis effectivas, quer dizer as relações invariaveis de successão e de semelhança. A explicação dos factos, reduzida então a termos reaes, passa a ser simplesmente o laço estabelecido entre os diversos phenomenos particulares e alguns factos geraes de que os progressos da sciencia tendem a diminuir cada vez mais o numero ¹.» Todas as concepções humanas principaes partindo pois do estado theologico ou ficticio passam ao estado metaphysico ou abstracto para se tornarem definitivas no estado positivo ou scientifico. As sciencias passaram todas pelos tres estados; nem podia deixar de ser assim, porque ellas representam o conjuncto das concepções evolutivas do homem sobre a natureza. Ora as sciencias mais simples e mais geraes foram precisamente as que com mais rapidez fizeram a transição do estado theologico primitivo ao estado positivo, ultimo termo da evolução. É o que a historia demonstra.

A concepção fundamental que acabamos de expor fôra, antes de Augusto Comte, emittida por Turgot. Mas nem por isso os dois philosophos deixam de ficar tão independentes um do outro como se o primeiro não tivesse lido o segundo. Em Turgot a concepção evolutiva dos tres estados não teve a importancia que lhe deu Augusto Comte. Ouçamos Littré sobre este assumpto: «Tres pontos principaes determinam a independencia em que Augusto Comte se encontra relativamente a Turgot. Este não viu na concepção mais que uma ideia a meditar; Augusto Comte viu n'ella uma lei sociologica. Turgot não ligou a ella um esboço do desenvolvimento humano; Augusto Comte desenvolveu, auxiliado por esta lei, toda a serie historica. Turgot não percebeu que estava em posse de um dos elementos necessarios de uma philosophia; Augusto Comte, uma vez senhor da concepção, passou da historia tornada sciencia á philosophia tornada positiva. A lei sociologica, isolada em Turgot, faz em Comte parte de um vasto conjuncto: são duas creações independentes ².»

¹ A. Comte, *Cours de Philosophie Positive*, t. I, pag. 10 e 11.

² Littré, *Auguste Comte et la Philosophie Positive*, 3.^a edição, pag. 47.

Da concepção da lei dos tres estados derivam naturalmente duas consequencias importantissimas: uma que constitue um fundamento mesmo da Philosophia Positiva — a distincção a estabelecer entre o cognoscivel e o incognoscivel — outra que se refere á historia e que consiste — em considerar a idade media como um estado de evolução entre a antiguidade classica e a era moderna.

Examinemos estas duas consequencias.

Se o estado positivo é, seguramente, o ultimo termo das nossas concepções, e se n'esse estado, oomo diz Comte, nós nos limitamos ao que pôde ser-nos dado por uma justa combinação do raciocinio com a experiencia, isto é ao estudo dos factos e das suas leis scientificas, é evidente que tudo quanto seja uma tentativa de explicação absoluta, uma apreciação de causas primeiras e finaes, um estudo de substancias ou destinos transcende o que pôde ser conhecido, mas que a theologia e a metaphysica imaginaram conhecer. Existe pois para além das sciencias e da philosophia que n'ellas se funda, um *incognoscivel* que não é aqui, como em Spencer, alguma coisa de real, mas o desconhecido, o não-existente, o dominio negativo dos conhecimentos scientificos. É *cognoscivel* o que a experiencia pôde revelar-nos: os factos e as suas leis de mutua dependencia; é *incognoscivel* o que a experiencia não ensina e que a imaginação nos periodos theologico e metaphysico suppoz ter estudado: as causas primarias e finaes, as substancias, n'uma palavra, o absoluto. O incognoscivel d'hoje, do estado positivo, foi o conhecido d'outro tempo, d'outros estados do espirito. A theologia creou sobre este dado negativo as religiões; a metaphysica creou os seus systemas. Mas uns e outros, religiões e systemas, pertencem ao dominio da ficção; architectal-os é facil, provar a sua verdade é impossivel. E esta impossibilidade que Augusto Comte demonstrou historicamente, foi tambem mais tarde demonstrada physiologicamente por Lewes, o grande pensador inglez; não podem actualmente existir duvidas sobre a sua realidade no espirito de quem quer que seja. Se theologos e metaphysicos continuam pertinazmente a affirmar o absoluto e a fazer, portanto, do incognoscivel o seu assumpto de estudo e de investigação é que (tenhamos d'elles piedade!) não lograram ainda attingir a plena virilidade de espirito, denunciada pela passagem definitiva ao periodo positivo ou scientifico.

A segunda consequencia da lei dos tres estados que determina a existencia de uma evolução ininterrupta na humanidade e que exige, portanto, que a idade media seja um progresso sobre a antiguidade e uma preparação dos tempos modernos, é de uma capital importancia e merece que no seu exame nos detenhamos um pouco.

Sabem todos como a idade media tem sido e é por muitos ainda hoje considerada. Chamam-lhe uma época de trevas, um periodo de somnolencia mental, uma quadra de absoluta lethargia para o espirito. Segundo os historiadores metaphysicos a idade media representa para a humanidade o mesmo que uma grande doença para o individuo; é um periodo pathologico. Poderá admittir-se esta ideia que é a negação mesma da evolução social? Augusto Comte demonstrou que não, e esta é uma das não menores glorias da sua philosophia. Hoje, escreve lucidamente Littré «a connexão das edades, o laço que prende cada época ás que a precederam, o augmento constante da herança da humanidade, tudo isto foi por Augusto Comte tão bem exposto como pensado e constitue um dogma expresso da Phisophia Positiva»¹.

Impossibilitado pela estreiteza do espaço de repetir aqui a demonstração já feita, limito-me a enviar o leitor para o *Curso de Philosophia Positiva*, de Augusto Comte, para a *Historia dos barbaros e da idade media*, de Littré, ou ainda para um trabalho do sr. Theophilo Braga, admiravelmente pensado sobre o assumpto em questão².

Não sendo nosso intento fazer uma biographia de Comte, o que seria pretencioso e inutil depois do monumental trabalho de Littré, nem mesmo um exame demorado do Positivismo scientifico, encerramos aqui o nosso artigo. Esboçamos a traços largos os principios fundamentaes da Philosophia Positiva; se conseguimos por este esboço levar ao espirito do leitor o desejo de lêr essa philosophia nos livros do mestre ou nos trabalhos dos seus mais importantes discipulos, o nosso fim está completamente preenchido.

JULIO DE MATTOS.

¹ Littré, *Augusto Comte et la Philosophie Positive*, pag. 44.

² Vid. *O Positivismo*, no artigo «A idade media segundo a Philosophia Positiva», vol. I, pag. 369.

OS SEMEADORES DA PESTE

I

Pelos campos e burgos, com o medo
Populações miserrimas transidas,
Vêm alçar-se o braço aziago e tredo
Da Peste negra, que lhes ceifa as vidas :
Prostradas, no terror gelido e quedo,
Por mortandade vasta surprehendidas,
Em vão procuram d'onde vem o mal
N'essa espantosa noite medieval.

II

Não tinha a Sciencia ainda illuminado
Das mil superstições o antro escuro,
E o seu Verbo eloquente era abafado
Pelo alarido convulsivo e duro
Dos que choram em pranto prolongado
Do joven Deus o transe prematuro ;
E na hallucinação d'esse terror
Viam passar da Peste o Semeador.

III

Eis a Dansa da Morte, que alem passa,
Leva Papas e Reis pelos cabellos ;
A semente da Peste, horrída grassa,
Entre filhos e irmãos quebram-se os élos !
Não se resiste ; a vida é fraca e lassa,
Seguem-se, uns sobre os outros, os flagellos,
Alfim da Sciencia espalha-se o clarão,
Dissolve os germens da destruição.

IV

E como se dissipa a vã chimera
Que desvaira o espirito doente,
A rasão, como aurora de nova era,
Extinguiu a pestífera semente!
O terror medieval já não altera
Mais o labor dos povos do Occidente...
Tudo em vão! Nasce um virus singular
Peior que a Peste, — *a lenda militar.*

V

Qual do cadaver o miasma infecto
Vem atacar o vivo e o destróe,
Tal de Napoleão, grande e abjecto,
A lenda heroica para a Europa foi!
A lenda, que degrada o animo recto,
Que a energia do espirito corróe,
Que faz com que um imbecil traidor
Se converta em mais um imperador.

VI

Entre os povos cansados e indifferentes,
Rhetoricos, poetas e pintores,
Todos elles, com mãos inconscientes
Da pestífera lenda semeadores,
Espalharam com traços surprehendedentes
Das batalhas do Imperio altos rumores
Da peste napoliónica o afan
Rompe em Dous de Dezembro e em Sedan.

VII

Da pestífera lenda um Bonaparte
Surgiu! o miseravel parricida!
O destino da patria foram dar-te
Para mantel-o, e foi por ti trahida.
Minaste a dignidade em toda a parte,
Onde ella se acoutava foragida,
E a energia da nação viril,
Para mais dominar, tornaste-a vil.

VIII

E o povo, o povo bem envilecido
Aos canhões allemães foste leval-o,
Como se purifica no brazido
Canero que lavra, ou insensível calo !
D'essa lenda pestífera sahido
Tem as guerras que ao mundo dão abalo,
Mas de um selvagem pela arteira mão
Quebrou-se o élo á absurda tradição.

THEOPHILO BRAGA.



BIBLIOGRAPHIA

LIRA INTIMA

POR JOAQUIM DE ARAUJO — Lisboa 1881 — 1 vol. in-8.º de 154 pag.

Portugal é uma nação de poetas; nenhum povo é mais rico de canções e de romances heroicos, do que este nosso, apesar da sua tradição ter sido condemnada pela intolerancia catholica e pelo pedantismo dos classicos, que esgotaram a actividade litteraria na imitação inintelligente dos modellos da civilisação greco-romana; desconhecendo essa relação fecunda entre a vida popular e as creações do sentimento individual.

Raro tambem será entre nós o homem com os mais leves rudimentos de educação liberal, que não tenha passado pela idade em que o vigor dos sentimentos toma a expressão poetica, e essa expressão se converte em veleidade litteraria, posto que mais tarde seja abafada pela chateza de interesses quotidianos dos annos de prosa. É por isso que apresentamos o phenomeno singular, em que ministros da fazenda, como o sr. Antonio de Serpa, e empregados administrativos da alfandega, como o sr. Eduardo Vidal, são poetas, máo grado a acção deprimente de um meio em que as grandes operações financeas e as severas regulamentações de direitos de entrada e de saída parecem abafar todo o ideal. Em fim, até o proprio D. Pedro iv nas emigrações fez sonetos arcadicos a sua esposa ausente, e ainda pelas colleccões jornalisticas se se folhear ao acaso se encontram versos de Latino Coelho, de Casal Ribeiro, e cremos mesmo que de Andrade Corvo. É uma caracte-

ristica nacional, que persiste desde os grandes Cancioneiros do Conde D. Pedro e de Garcia de Resende, até ás Academias poeticas do seculo XVIII, onde os desembargadores se entregavam aos ocios arcadicos, e bajulavam o cesarismo com odes pomposas. Os volumes de versos são quasi que a exclusiva producção dos cerebros portuguezes, e quando apparecem rapazes refractarios á poesia, como os jovens universitarios Hintze Ribeiro, Lopo Vaz e Julio de Vilhena, que nunca firmaram um só verso, ficam tidos como phenomenos tão extraordinarios, que são immediatamente chamados para ministros d'este pobre paiz de visionarios, que depois de ter acordado do sonho de quinto imperio está extactico diante da carta de alforria, generosa outorga de um principe philosopho! Os talentos normaes continuam fazendo a sua estreia pelos livros de versos, nos quaes contam as suas emoções pessoais da adolescencia, segundo as varias correntes das litteraturas europeas, byronianas, satanicas, revolucionarias, mysticas, parnasianas; condemnar esta expansão sentimental seria absurdo, porque em um paiz sem interesses scientificos, são estas especulações artisticas ainda o estimulo da actividade cerebral, e o unico meio que temos para nos elevarmos ás concepções fundamentaes. Ao receber-se um livro de versos, o primeiro criterio a seguir é observar se o auctor póde dar mais, se essa emoção contemplativa revela uma aptidão para a actividade intellectual. Os que só deram um livrinho de versos, e mais nada, estão esquecidos, e essas folhas estão seccas e espargidas como de uma grinalda desfeita.

Esses livros, bellos pela ingenuidade do sentimento, têm o defeito da sua propria origem, — a mocidade, que Goethe com tanta rasão considerava como incapaz de conceber e de realisar uma obra de arte. A poesia não consiste em versos bem medidos e bem rimados, mas na verdade do sentimento humano, tão complexo nas suas manifestações individuaes e sociaes. Como conhece esse sentimento o que não viveu? o que existiu confinado n'um meio de obediencia passiva, sem determinação, sem responsabilidade? o que ainda não foi tocado, apalpado, atropellado pela realidade dura das cousas? O que conhece uma criança do problema da vida? Nada. Ao cantar as suas emoções, fere uma só corda, o prurido sexual idealisado em um amor adolescente, mais ou menos correspondido, ora expresso na fórmula de adoração, ora na de desalento, de quebrantamento moral e de melancholia. Esta falta de conhecimento da realidade das cousas não o deixa ter profundidade, não vê para dentro do mundo moral, e cobre esse vacuo com o effeito da phrase, com as comparações descriptivas, e as imagens accumuladas, e as rimas imprevistas e pittorescas, e a estrophe balança em um rythmo, que não deixa sentir a falta de

um pensamento, de uma conclusão. Disse Milton: *The life of Poet is a true poem*. A vida do poeta é um verdadeiro poema. O que quer isto dizer? A vida accidentada, complicada pelo conflicto dos interesses e das aspirações ideaes, é que os fizeram poetas, como Dante, banido de Florença, com o Milton envolvido na revolução de Inglaterra, como Byron quebrando o convencionalismo hypocrita da aristocracia ingleza, como Victor Hugo, protestando contra os vinte annos da infamia do segundo imperio francez; e se olharmos para a nossa península, como Camões, desterrado da côrte beata de D. João III, escrevendo o poema da nacionalidade portugueza em miserrimos hospícios, em carceres, em cruzeiros doentios, ou como Cervantes caído no convés de uma não na batalha de Lepanto, e escrevendo o seu eterno Quijote no carcere de Argamasilha. A vida d'estes poetas é um verdadeiro poema, e é por isso que foram grandes. Já se vê que a ideia de Goethe não é tão crua como parece; a obra de arte, nasce da inspiração, mas é realisa-da pela reflexão, e se Goethe pôde conceber os amores de Margarida na sua mocidade, soube esperar as revelações da idade para representar no *Fausto* a synthese das aspirações humanas. A alliança d'estas duas capacidades é que constitue o processo artistico; sem os vagidos da infancia mal se desenvolvem os pulmões do homem. Assim estas manifestações da emotividade adolescente devem ser recebidas como uma promessa, deduzindo-se d'ellas o que aquelle espirito poderá vir a dar.

Entremos com estes principios no livro de versos do sr. Joaquim de Araujo, a *Lira intima*; o seu titulo indica uma obra artistica baseada sobre um exclusivo sentimento pessoal. Esse sentimento é um amor adolescente, um idyllo de uns saudaveis vinte annos, amor correspondido, sem catastrophes, sem tempestades, sem luctas moraes, sem impossiveis, vibrando na corda exactica da adoração. Em Camões sempre nos impressionaram profundamente aquelles versos em que elle confessa, que não comprehende o amor sem desgostos, sem combates, sem mortes, e só pelo estudo da sua vida é que viemos a perceber o valor philosophico da esthetica amorosa d'esse pasmoso genio. Em compensação da falta das catastrophes, que produziam tambem a exaltação dos trovadores e os fizeram os grandes iniciadores do lyrismo petrarchista, a *Lira intima* revela um habil cinzelador do verso, um conhecedor de todos os segredos da rima, enfim uma boa organização artistica, o que é uma boa promessa. Lêem-se os versos com encanto pela ondulação melodica com que são formados; sente-se ali o resultado de quem conhece todas as poesias de João de Deus e o esmero dos ultimos parnasianos francezes, de que são representantes em Portugal Guerra Junqueiro e Jayme Seguiet.

Porém essa melodia unica do amor, na fôrma edenica não se presta às harmonias tempestuosas, á variedade de effeitos; uma só estrophe, um simples poemeto, e esse bom, estava esgotado o assumpto. Joaquim de Araujo cobre esta monotonia do sentimento pelas comparações pittorescas, buscando imprevistas relações das cousas, descrevendo com minucia as imagens, mas, quando se chega ao fim, falta o pensamento, o intuito, e a odesinha acaba como uma vibração vaga, o que às vezes não deixa de ter seu effeito. Assim sendo o thema da *Lira intima* todo subjectivo, está expresso por meios concretos, objectivos, coloristas, por essa impossibilidade que têm os adolescentes de vêrem para dentro do mundo moral, e de julgarem das suas proprias emoções. O merito da *Lira intima* resume-se em duas palavras: faz sentir uma certa ingenuidade, mas reflectindo-se descobre-se-lhe o trabalho de quem procurou conscientemente esse effeito artistico. Ora é esta capacidade o que nos leva a olhar para este livro como uma promessa, e a crêr que Joaquim de Araujo não ha de cahir n'esse nirvana mystico em que talentos pujantes se afundaram, nem dissolver-se na esterilidade da bohemia litteraria que perverte tantas esperanças.

THEOPHILO BRAGA.